

GRAMATICALIZAÇÃO: MOTIVAÇÕES SOCIAIS SUBJACENTES À DISSEMINAÇÃO DAS INOVAÇÕES¹

Maria Alice TAVARES

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RESUMO

*Análise indícios da disseminação social dos conectores sequenciadores *aí* e *dai* em Florianópolis (SC). Essa disseminação é parte de um processo de gramaticalização, e avança sob a influência de duas motivações de natureza social em particular: (i) a valoração desfavorável atribuída a *aí* e a *dai* pela comunidade de fala; (ii) a necessidade de marcação identitária, provavelmente subjacente à super utilização do *dai* por pré-adolescentes.*

ABSTRACT

*I analyze evidences of social spread of sequence connectors *aí* and *dai* in Florianópolis. That spread is part of a grammaticalization process, and advances under the influence of two social motivations in particular: (i) the negative valuation of *aí* and *dai* in the speech community; (ii) identity marking needs, which probably underlie the over use of *dai* by preteens.*

PALAVRAS-CHAVE

gramaticalização; motivações sociais; sequenciação

KEY WORDS

grammaticalization, social motivations; sequenciation

Introdução

“Mas em nossa própria língua é difícil não cair na torrente de emoções provocada pelo contraste entre novos e antigos modos de dizer a mesma coisa.” (Labov, 2001:04)²

O tratamento funcionalista da língua fundamenta-se na aceitação, em maior ou menor grau, do (meta)princípio da *iconicidade*, segundo o qual as estruturas lingüísticas tendem a refletir e a ser pressionadas por funções (cf. Givón, 1990). Se algo é posto em uso, o é por conta de algum papel que desempenha no discurso. A iconicidade não implica, porém, a existência de correspondências biunívocas e não arbitrárias do tipo representado pela fórmula 1:1 (isto é, para cada forma há uma função). Formas e funções estão sempre em mobilidade, havendo não raro mais de uma forma para cada função e mais de uma função para cada forma. A iconicidade que caracteriza a língua reside no fato de que as formas são usadas sob influência de um conjunto de motivações funcionais.

O *discurso* é definido como uma cadeia de fluxo linear contínuo composta por um conjunto de estratégias diversificadas de concatenação e encaixamento de fórmulas lexicais e gramaticais, organizadas de modo criativo pelo falante com o intuito de adaptar funcionalmente seu texto para um determinado ouvinte em uma determinada situação de comunicação. A *gramática* é um repertório de estratégias rotinizadas de construção de discursos: fórmulas lingüísticas e recursos retóricos envolvendo itens lexicais e/ou gramaticais, inicialmente criativos e expressivos, tornam-se habituais por recorrerem em certo tipo de contexto interacional (Hopper, 1987). A gramática, portanto, é aberta, fortemente suscetível à mudança e intensamente afetada pelo uso que lhe é dado no dia-a-dia, respondendo a pressões diversas – cognitivas, comunicativas, estruturais e sociais,³ que continuamente interagem e se confrontam.

O movimento de rotinização gramatical é denominado *gramaticalização*, caracterizado como o processo de regularização gradual pelo qual uma estratégia freqüentemente utilizada em situações comunicativas específicas adquire função gramatical. A freqüência de exposição e de uso das fórmulas gramaticais é de grande importância para o estabelecimento e a manutenção da gramática: sua representação cognitiva é afetada pelo contato do usuário da língua com repetidas instâncias de

uso no sentido em que *tokens* da experiência fortalecem os exemplares armazenados (Pierrehumbert, 2001; Bybee e Hopper, 2001).

Abordagens pautadas na perspectiva da gramaticalização costumam buscar explicações para a mudança postulando motivações de ordem funcional (entendidas como cognitivas e/ou comunicativas), que estariam subjacentes às alterações sofridas pelas formas lingüísticas. Recentemente, o foco dos estudos voltados ao fenômeno da emergência de itens gramaticais tem sido dirigido também para as *motivações de natureza social* (cf. Bisang, 1998; Giannini, 1998; Androustopoulos, 1999), passíveis de contribuir para a propagação das inovações ao longo do espectro social e, adicionalmente, em certos casos, para o próprio desenvolvimento do processo de mudança funcional⁴ em direção a níveis ainda mais gramaticais.

Pesquisadores funcionalistas que lidam mais diretamente com traços sociais costumam ter como fonte a sociolingüística variacionista, empregando seus conceitos e mesmo seus termos. Por exemplo, Androustopoulos (1999) cita estudos variacionistas (mais especificamente, Labov (1972a) e Kerswill (1996)) em seu estudo da gramaticalização de marcadores discursivos na fala dos jovens – faixa etária em que pode haver um pico de mudança. É digno de nota que Androustopoulos adapta a tradicional expressão de Labov, “mudança em andamento”, para “gramaticalização em andamento”, tecendo, no seio dos estudos de gramaticalização, uma conversa com a sociolingüística.

Foi a sociolingüística variacionista que primeiro se voltou para a face social da variação e da mudança, um dos pilares de sua constituição na década de 60, fundamentada na proposição de que era possível estudar a heterogeneidade lingüística levando em conta a relação entre a língua e a sociedade. Em contraste, os primeiros estudos de gramaticalização destacando considerações de ordem social de que tenho notícia datam da década de 90. Ressalte-se também que é a sociolingüística que até hoje investiga com mais profundidade a relação entre língua e sociedade, considerando-a diretamente vinculada à mudança lingüística.

Uma parte importante da investigação das origens sociais da mudança lingüística levada a cabo pela sociolingüística foi a identificação dos grupos de falantes que são “responsáveis” pela disseminação das inovações. Os traços que têm sido mais relevantes para a identificação de tais grupos distribuem-se entre aqueles adstritos ao falante (como sexo e idade) e aqueles por ele adquiridos (como classe sócio-econômica e escolaridade). Grupos sociais específicos, organizados de acordo os traços supracitados, podem influir na velocidade de disseminação das inovações oriundas da gramaticalização, ao assujeitarem-se a motivações como: (i) a valoração atribuída às formas pela comunidade de fala; (ii) questões de marcação identitária.

Com o objetivo de averiguar a possibilidade de tais motivações intervirem nos rumos do processo de gramaticalização, analiso o caso da seqüenciação retroativo-propulsora de informações em Florianópolis (SC), perscrutando indícios da difusão, em diferentes estratos dessa comunidade de fala, das estratégias mais recentes de codificação da seqüenciação, *aí* e *daí*, em detrimento das mais antigas, *e* e *então*. Busco respostas para questões como: Qual a direção das pressões exercidas pelas motivações sociais correlacionadas à utilização dos seqüenciadores *e*, *aí*, *daí* e *então*? Qual o grau de espraimento das formas inovadoras ao longo dos grupos sociais? Há retração de uso das formas mais antigas em alguns dos grupos considerados? Quais as implicações de avanços e de recuos de uso dos seqüenciadores ao longo de diferentes esferas da comunidade de fala para o seu processo de rotinização como itens gramaticais?

O referencial teórico que conduz a investigação integra pressupostos teórico-metodológicos de duas teorias que vinham sendo desenvolvidas em separado no âmbito da lingüística até cerca do final da década de 80: (i) o funcionalismo lingüístico voltado ao estudo da gramaticalização, com especial atenção às propostas de Hopper e Givón, e (ii) a sociolingüística variacionista de Labov. As visões de mudança oferecidas por cada uma dessas perspectivas não são excludentes, o que em muito facilita tentativas de integração (cf. seção 1). Para denominar a

vertente de pesquisa situada na interface entre funcionalismo e sociolingüística utilizo o nome *sociofuncionalismo* (a respeito, cf. Neves, 1999; e Tavares, 2003). Os dados analisados foram extraídos de entrevistas fornecidas pelo Banco de Dados do Projeto VARSUL/UFSC (Variação Lingüística Urbana na Região Sul do Brasil).

O artigo está organizado da seguinte forma: apresentação do referencial teórico e, logo a seguir, da seqüenciação retroativo-propulsora. Na seqüência, constam os procedimentos metodológicos, a análise dos resultados e as considerações finais.

1. Motivações sociais sob a perspectiva sociofuncionalista: levando adiante a mudança

O funcionalismo e a sociolingüística variacionista apresentam diversos postulados em comum, dentre os quais destaco: (i) é prioritária a língua em uso, cuja natureza heterogênea abriga a variação e a mudança. (cf. Givón, 1995; Weinreich, Labov & Herzog, 1968); (ii) os fenômenos lingüísticos que constituem o alvo das investigações são analisados em situações de comunicação real em que falantes reais interagem (cf. Bybee & Hopper, 2001; Labov, 1972a/b); (iii) a língua está continuamente se movendo, mudando e interagindo (cf. Hopper, 1987; Guy, 1995); (iv) a mudança espalha-se de forma gradual ao longo do espectro social, considerando-se fatores como região, geração, classe social, etc, sendo o aumento de frequência de uso compreendido como índice de difusão sociolingüística (cf. Hopper & Traugott, 1993; Labov, 1972 a/b, 2001).

Essa semelhança de preceitos respalda a possibilidade de um duplo enfoque teórico, como o desenvolvido aqui. No entanto, há vários aspectos cuja convergência não é tão simples e que necessitam ser pontuados. Iniciemos pela oposição entre tomar como objeto diferentes formas *versus* uma só forma. Poucos estudos de gramaticalização têm focalizado ao mesmo tempo duas ou mais formas, optando, ao invés, por lançar o olhar sobre os *estágios de mudança* por que passa

um só item ou construção. Esse é o caso, por exemplo, dos estudos sobre a marca de futuro do inglês *be going to*, sobre as conjunções do inglês *while* e *since*, sobre os marcadores de interrogação em línguas européias, entre outros (Traugott, 1982; Heine *et alii*, 1991; Hopper e Traugott, 1993; Ramat, 1998). Por outro lado, os estudos variacionistas têm por alvo a *variabilidade lingüística*, o que obrigatoriamente os faz agrupar dois ou mais itens lingüísticos para analisá-los como variantes – o requisito mínimo para o pontapé inicial da investigação é a existência de duas ou mais formas em variação.

O princípio de estratificação, proposto por Hopper (1991) como uma das maneiras de se diagnosticar a ocorrência da gramaticalização, permite a convergência entre tais objetos de estudo, pois prevê que, dentro de um domínio funcional,⁵ emergem continuamente novas camadas para desempenhar funções que em geral já são exibidas por outras formas, mais antigas no ramo. A análise somente será completa se forem levadas em conta todas as camadas – sejam as mais jovens, sejam as mais idosas –, pois é o uso dado a cada uma que define os rumos do domínio como um todo. Emparelha-se assim o objeto dos estudiosos da gramaticalização com o objeto dos estudiosos da variação, dando origem ao objeto dos sociofuncionalistas: diferentes formas – *camadas* ou *variantes* ou *camadas/variantes* – que convivem em um mesmo âmbito funcional, gerando o que pode ser definido como uma *situação de estratificação/variação*.

A partir dessa convergência, temos de questionar se o que as camadas/variantes possuem em comum – aquilo que permite que sejam consideradas, em termos funcionalistas, camadas de um mesmo domínio ou, em termos da sociolingüística, variantes de uma mesma variável – é o mesmo *significado* (conforme a teoria ‘mãe’ variacionista) ou a mesma *função* (conforme a teoria ‘mãe’ funcionalista). A sociolingüística privilegia como critério para o estabelecimento de um conjunto de variantes a exigência de manutenção do significado: as formas devem se referir ao mesmo estado de coisas (Labov, 1978). Em contraste, o princípio de estratifica-

ção pressupõe que o que caracteriza as camadas habitantes de um mesmo domínio é a igualdade no plano funcional. A melhor solução parece ser o afrouxamento do critério pelo qual as variantes costumam ser agrupadas: itens em relação de estratificação/variação podem manifestar ou não o mesmo significado, conquanto exibam a mesma função.⁶

As camadas/variantes emergem na gramática em diferentes épocas e passam a conviver e a competir por espaço com as demais tanto na gramática dos indivíduos quanto na gramática da comunidade. Têm seu uso condicionado pela interação de motivações cognitivas, comunicativas e sociais, que se constituem em armas que cada camada/variante possui, fazendo-a avançar, estacionar ou recuar em seu processo de mudança. Neste estudo, são postas em evidência duas motivações de natureza social:

- A valoração atribuída às formas: A propagação da mudança depende dos valores associados às inovações lingüísticas, que, em geral, não recebem valoração positiva.⁷ Se uma dada forma é considerada de menor *status*, isto é, como não pertinente à língua padrão/culta, sua utilização deve ser influenciada por tal avaliação negativa. Por exemplo, aparecerá com mais frequência na fala de indivíduos de menor idade e escolaridade, que costumam dar maior preferência às formas não padrão, se comparados aos indivíduos de mais idade e escolaridade (cf. Labov, 1972, 1990; Chambers, 1995).
- Marcação de identidade: Falantes mais jovens tendem a tomar formas estigmatizadas e/ou inovadoras como marcas típicas do grupo de pares (cf. Labov, 1972, 1990; Chambers, 1995). A par disso, como os mais jovens tendem a super utilizar as marcas lingüísticas identitárias, podem acabar acelerando o andamento de seu processo de gramaticalização, contribuindo, por meio da grande recorrência, não apenas para a difusão das formas, mas para a própria alteração em seus padrões semântico-pragmáticos e/ou morfossintáticos de uso, conduzindo-as para níveis mais gramaticais.

A direção da atuação dessas motivações sobre a propagação das camadas/variantes mais recentes da seqüenciação na comunidade de fala florianopolitana é perscrutada através do controle dos grupos de fatores sociais *idade, escolaridade e sexo*.

Labov (1972) relaciona o termo *mudança* à fase de difusão social e não à inovação em si. No prisma da gramaticalização, a mudança ocorre em duas etapas indissociáveis: (i) a emergência de novas estratégias gramaticais quando da negociação e da adaptação de fórmulas discursivas pelos interlocutores em situação de interação; (ii) o processo sociolingüístico de propagação das inovações (Hopper & Traugott, 1993). É para esta última etapa que ora atento, observando o grau de disseminação de *aí* e de *daí* em diferentes estratos da comunidade de fala de Florianópolis.

Aí e *daí* já estão regularizados como seqüenciadores, uma vez que surgem recorrentemente na fala de vários florianopolitanos, exibindo a relação de continuidade e consonância entre informações. Todavia, a gramaticalização é um processo contínuo. Se alguma alteração estiver acontecendo atualmente, um diagnóstico pode ser obtido por meio da distribuição dos seqüenciadores de acordo com a estratificação etária dos falantes. Caso notemos um aumento na taxa de aparecimento do *aí* e do *daí* na fala de cada geração mais nova, teremos boas evidências de mudança em andamento, no sentido de: (i) *aí* e *daí* estarem ocupando pouco a pouco o espaço de *e* e *então*, podendo mesmo vir a predominar na função de seqüenciação, em detrimento das formas mais antigas; (ii) *aí* e *daí* estarem avançando rumo a uma maior rotinização como estratégias seqüenciadoras: quanto mais freqüente uma forma, maior o seu grau de penetração na gramática.

Para estudar a mudança em andamento, a sociolingüística variacionista confia na hipótese de que o vernáculo⁸ de um indivíduo de uma certa faixa etária permanece essencialmente o mesmo a despeito da passagem dos anos, o que permite que se compare a fala de pessoas de diferentes idades para observar diferentes estágios da língua (processo metodológico denominado "análise da mudança em tempo

aparente"). A aquisição da língua seria finalizada até o final da adolescência e ela se manteria intacta pelo resto da vida, do que resultaria que, ao analisarmos a fala de uma pessoa de sessenta anos hoje, teríamos um reflexo do sistema que estava sendo adquirido por volta dos anos cinqüenta (cf. Labov, 1994:28, 1981:181; Silva & Paiva, 1996:353). A concepção subjacente a esse tipo de análise é a de que a mudança lingüística avança em *progressão geracional*: uma camada/variante inovadora que ocorre com baixa freqüência na fala dos idosos ocorre com mais freqüência na fala dos adultos e mais ainda na fala dos jovens, configurando, com o passar do tempo, uma mudança na comunidade de fala.

Contudo, Labov (2001:438) aponta que temos de ser cuidadosos ao assumir a perspectiva de análise da mudança em tempo aparente, pois o pressuposto de fixação do sistema lingüístico ao final da puberdade não é balizado em alguns casos. Exceções têm emergido de análises empíricas, envolvendo tanto mudança morfossintática quanto fonológica.⁹ Por essa razão, Labov (*op. cit.*) e Kerswill (1996:179) alertam que a concepção de estabilidade do vernáculo após a adolescência talvez precise ser revisada ou ao menos relativizada à cada situação de variação. Estudos têm revelado que adultos em torno de trinta a quarenta anos aparentemente perderam grande parte da habilidade de mudar seu sistema lingüístico, mas ainda assim não se pode afirmar que possuam um sistema rígido e imutável.¹⁰

A solução sugerida por Labov, em termos de procedimentos metodológicos, é não confiar tão somente em resultados relativos à distribuição etária dos informantes como fonte para a constatação da existência ou não de um fenômeno de mudança em andamento, mas também buscar informações em fontes diversas – por exemplo, analisando-se as demais distribuições sociolingüísticas obtidas e valendo-se de dados de tempo real.¹¹

Nessa linha, considero os demais grupos de fatores sociais controlados como possíveis fornecedores de indícios complementares acerca dos caminhos de mudança seguidos por *e*, *aí*, *daí* e *então*, que,

por hipótese, têm seus padrões de uso alterados pela pressão de forças de natureza social – a *valoração atribuída às formas e a questão da marcação identitária*. Todavia, não apresento, por uma questão de espaço, resultados corroboradores provindos de análises de mudança em tempo real.¹²

2. A seqüenciação de informações e suas camadas/variantes

A seqüenciação retroativo-propulsora de informações é o domínio funcional responsável pelo estabelecimento de uma relação coesiva entre um enunciado precedente e um posterior, gerando a expectativa de que algo novo será introduzido no discurso, em continuidade e consonância com o já dado. Essa relação é codificada, em Florianópolis, especialmente por quatro conectores: *e*, *aí*, *daí* e *então*,¹³ que aparecem repetidamente em contextos de seqüenciação, o que permite considerá-los camadas/variantes regularmente em ação nesse domínio.

A seqüenciação tece partes do discurso de proporções variadas, desde informações conectadas localmente em orações, a tópicos/assuntos conectados globalmente. É, portanto, uma função de natureza relacional, pertinente ao âmbito gramatical. Mas qual é o seu significado? É o valor¹⁴ de indicar um ponto passado no discurso (a *retroação*), e, ao mesmo tempo, de indicar um ponto futuro (a *propulsão*), que se relaciona com o primeiro por se seguir a ele. Assim, direciona para frente, para a continuação do discurso, evidenciando que o que foi dito anteriormente é uma fonte de informações para o que será dito depois. Trata-se de uma função-significação (cf. Nichols, 1984), isto é, um significado que reflete o contexto comunicativo, dependendo fortemente de informação contextual para ser depreendido.

Diferenciei, com base nas amostras consideradas, cinco subfunções da seqüenciação: (i) *seqüenciação textual*: uma estratégia linguística coesiva que assinala a ordem pela qual as unidades conectadas sucedem-se ao longo do tempo discursivo (cf. (1)); (ii) *seqüenciação*

temporal: as informações introduzidas sucedem-se temporalmente em relação às informações já dadas (cf. (2)); (iii) *introdução de efeito*: as informações introduzidas representam consequência ou conclusão em relação ao que foi dito previamente (cf. (3)); (iv) *retomada*: ocorre um movimento de recuperação do fluxo temático anterior, interrompido por uma digressão (cf. (4)); (v) *finalização*: caracteriza-se pela adição de uma oração que sinaliza o final de um tópico/assunto (cf. (5)).¹⁵ Embora *e*, *aí*, *daí* e *então* apareçam vinculados a todas as subfunções seqüenciadoras, exemplifico com apenas um dado de cada por uma questão de espaço:

- (1) E eu fui lá. A criança está amarrada assim numa corrente. Criança tem treze anos. *Então* é uma família que o pai teve um acidente, não trabalha. Ganha o salário mínimo. (TE/FLP16:645)¹⁶
- (2) Ele pegava o bambu, pegava- amarrava uma tocha *e* tocava fogo. (JQ/FLP01:1233)
- (3) A gente dava o banho, dava um purgante, *aí* a criança ficava boa. (NI/FLP08:588)
- (4) Uma moça que ela era freira, era noviça, né? } Eu adoro filmes assim. Realmente é dois- Eu gosto de filmes assim. Lá uma vez ou outra eu gosto de assis- de filmes de guerra, assim como Rambo, essas coisas assim. Mas não é filme que me atrai, né? } *E* ela é noviça. E ela- ela- onde ela estava, que ela foi estudar, ela queria sair, ela queria conhecer a vida fora. (JU/FLP11:1325)¹⁷
- (5) *Aí* fez gol, mas eu nem sabia, depois que o meu pai falou: “Fez gol!” Nem o Rafael, uns amigos do meu pai que se casou até ontem, ninguém sabia. *Aí* depois eu: “Foi zero a zero, né pai?” “Claro que não, foi um a zero.” *Aí* a- a J.: “Ah, mas tu não presta atenção, só vai mesmo pra comer, não fala nada.” Ah, meu deus! *Daí* é assim. (CA/FLP03C:28)

E, *aí*, *daí* e *então* são opções disponíveis na gramática da comunidade de fala, sendo postos variavelmente em funcionamento quando

há a necessidade de marcar a seqüenciação. Encontrei inclusive casos de uso muito semelhantes, como os seguintes, envolvendo verbos *dicendi*, em situação de seqüenciação temporal:

(6) E ele: "Vou ficar." "Não, tu não vais ficar." E ele disse: "Eu não vou." Eu digo: "Não, tu não vais ficar." (RO/FLP03:735)

(7) A pessoa já está vendo que terminou, então vai na pessoa que é encarregada, *então* diz a ela: "Está faltando uma caixa de tomate", ou "está faltando vinagre" ou "está faltando tal coisa", aí ela passa a ordem, vai lá pro almoxarifado, faz o pedido, a pessoa tem saca pra continuar o serviço. (ID/FLP07:469)

(8) Ela falou: "Ah, vai ser menino e o nome vai ser Mateus." *Aí* eu disse assim: "Então, se for menina, tu bota o nome de Bárbara, porque eu gosto." Daí nasceu menina, daí ela botou. (DE/FLP06J:552)

(9) Daí ela diz: "Ah, vai fazer deveres." "Não tem deveres." *Daí* ela diz: "Ah, que escola é essa que nunca tem deveres, professor nunca passa deveres?" (DE/FLP06J:188)

Aí e *daí* adentraram o domínio da seqüenciação bastante recentemente, se comparados a *e* e *então*, cujo tempo de serviço é longo. Foi como seqüenciador que o *e* surgiu no português, provindo da conjunção latina *et*.¹⁸ *Então* também já era utilizado nesse papel nos primórdios da língua portuguesa (séculos XIII e XIV). Quanto a *aí* e a *daí*, é indefinida a época em que surgiram seus empregos conectivos (não encontrei nenhum registro acerca disso). Acredito que seus usos seqüenciadores tenham surgido apenas em língua portuguesa e em tempos não tão antigos, pois, mesmo buscando por eles em diversos textos do século XIII ao XX, só obtive dados em romances escritos a partir da primeira metade do século XX (Tavares, 2003). Além disso, em um estudo comparando os domínios da seqüenciação na fala do português brasileiro e do português europeu, não localizei nenhum dado do *aí* e do *daí* como conectores além mar, o que é forte indício de que se desenvolveram apenas no português brasileiro (Tavares, 2002).

Como *aí* e *daí* seqüenciadores são migrantes tardios, é provável que seu processo de disseminação social esteja ainda em progresso. A segmentação da comunidade florianopolitana em grupos menores, relativos a diferentes faixas etárias, níveis de escolaridade e gênero, poderá ser reveladora do grau de penetração de *aí* e de *daí* em âmbitos sociais distintos, e também mostrar a reação de *e* e de *então* frente à invasão de seu território por parte dos novos seqüenciadores. Apenas a entrada de novos membros em um domínio funcional não provocaria embates de morte, mas um grande aumento da frequência de uso destes poderia levar à retração da utilização de velhas formas e mesmo ao seu desaparecimento, ao menos em alguns dos micro-cosmos da comunidade. Seria o caso em Florianópolis?

3. Procedimentos metodológicos

A escolha dos grupos de fatores sociais a serem controlados deveu-se à organização do banco de dados utilizado: o Banco VAR-SUL/UFSC, constituído por entrevistas feitas com informantes distribuídos homogeneamente em células sociais de acordo com os traços *sexo*, *idade* e *escolaridade*. Faço uso de dados referentes ao *corpus* da região urbana do município de Florianópolis, constituído por 36 entrevistas de informantes mulheres e homens, de três faixas etárias (de 15 a 21 anos; de 25 a 45 anos; mais de 50 anos) e três níveis de escolaridade (quatro anos; oito anos; onze anos). Analiso também 12 entrevistas com informantes de 09 a 12 anos, de ambos os sexos e cursando da 3ª à 6ª série do ensino fundamental. Como *e*, *aí*, *daí* e *então* são bastante recorrentes na fala, considero apenas os trinta minutos finais das entrevistas. Obtive um total de 4.300 dados com a seguinte distribuição: *e* = 1.790; *aí* = 926; *daí* = 890; *então* = 694. Os dados codificados foram submetidos a tratamento estatístico através do pacote VARBRUL (Pintzuk 1988), para cálculo de frequências, percentuais e pesos relativos,¹⁹ e para a identificação da ordem de significância dos grupos de fatores considerados. Nas seções seguin-

tes, esses grupos são expostos consoante sua ordem de relevância para a opção por um dentre os seqüenciadores: (i) idade; (ii) escolaridade; (iii) sexo.

4. Falando em Florianópolis: idade, escolaridade e sexo

4.1. Idade - abuso adolescente?

4.1.1. Caracterização e hipóteses

Entender os efeitos da idade sobre a língua requer entender as mudanças nas relações sociais ao longo de nossas histórias de vida. Passamos por afiliações a sucessivos grupos de referência e socialização, em estágios que, segundo Chambers (1995:159), podem ser sintetizados do seguinte modo: (i) na infância, o vernáculo é desenvolvido sob influência da família e dos amigos; (ii) na adolescência, as normas vernaculares sofrem aceleração sob pressão de redes densas; (iii) no início da vida adulta, a estandardização tende a se intensificar e, uma vez que os traços do socioleto estão estabelecidos na fala, eles permanecem relativamente estáveis para o resto da vida. É no período da adolescência que os indivíduos comumente sentem necessidade de, por um lado, distinguir-se dos adultos e, por outro, aproximar-se de companheiros da mesma idade ou um pouco mais velhos. Nesse processo de busca da identidade, formas já existentes na região podem ser tomadas como marcas identitárias, havendo predileção por aquelas que fogem à língua padrão/culta.

Busquei propor, no conjunto de 48 informantes que, nesta pesquisa, representam a comunidade de fala de Florianópolis, recortes no contínuo etário que fossem consoantes às etapas de vida supracitadas. Contemplo, pois, quatro faixas etárias: de 09 a 12 anos (pré-adolescentes, em pleno processo de alinhamento a um grupo de amigos); de 15 a 21 anos (envolvimento em grupos adolescentes, finalização da escolarização secundária e orientação ao grupo de trabalho mais amplo e/ou universidade); de 25 a 45 anos (emprego regular e/

ou responsabilidades familiares); acima de 50 anos (diminuição da força de trabalho e aposentadoria).²⁰

Dois dentre os seqüenciadores sob análise – *aí* e *daí* – costumam ser considerados de menor *status*, isto é, trata-se de conectores que não fazem parte do conjunto de formas pertencentes à língua padrão/culta. Sua utilização é, provavelmente, influenciada por tal avaliação negativa: *aí* e *daí* devem ser mais recorrentes na fala dos indivíduos mais jovens, de 09 a 12 anos e de 15 a 21 anos, ao passo que os indivíduos de mais idade devem dar preferência para *e* e para *então*, os quais não são considerados conectores de menor *status*.²¹ Pautando tal previsão, está a hipótese de que duas motivações sociais atuam em oposição na comunidade de fala florianopolitana: (i) a necessidade de afirmação da identidade levaria a uma maior frequência de formas de menor *status*, como *aí* e *daí*, na fala das pessoas com menos de 21 anos; (ii) o caráter estigmatizado desses conectores resultaria em sua menor recorrência na fala das pessoas com mais de 25 anos, talvez em razão de um maior envolvimento com o mercado de trabalho, em que pode haver uma certa pressão em direção ao respeito de normas da língua padrão/culta.

Subjacente à relação entre períodos de vida e o uso de formas de *status* inferior, está outra razão pela qual podemos esperar uma maior recorrência de *aí* e de *daí* na fala dos menores de 21 anos: são esses indivíduos que tendem a angariar formas inovadoras como marcas típicas do grupo de pares. Os itens lingüísticos que sofrem “discriminação” são, em geral, mais novos em relação a outras opções tidas como mais “corretas” – e por isso mesmo considerados como de menor valor. Destarte, as formas tomadas como marcas identitárias pelos pré-adolescentes e/ou adolescentes apresentam, comumente, duas propriedades correlacionadas: são relativamente recentes e, em decorrência, possuem baixo *status* no mercado lingüístico – caso do *aí* e do *daí*.

Conforme Labov (2001), a aquisição lingüística é, em grande parte, uma transmissão de traços fonéticos e morfossintáticos de núcleos adolescentes e pré-adolescentes mais velhos a mais jovens, sobre-

pondo-se à base lingüística transmitida pelos pais. A transmissão da mudança "pega carona" no processo de transmissão da língua, ocorrendo numa trajetória constante de inovações que são adicionadas ao vernáculo adquirido dos pais. Cada criança reflete o nível de sua aquisição inicial (do que lhe foi transmitido pelos pais), acrescido de alterações advindas do contato com irmãos e outras crianças mais velhas na comunidade local. Há, portanto, incrementos constantes nas gramáticas individuais: a experiência de cada grupo mais jovem faz a mudança avançar.

A hipótese é, portanto, que o aparecimento das camadas/variantes mais recentes da seqüenciação, *ai* e *daí*, deve aumentar à proporção que diminui a idade dos informantes, o que pode ser tomado como indício de que tais conectores têm abocanhado mais e mais nacos do território da seqüenciação à medida que têm seu uso acelerado pelas gerações mais jovens. Essa opção pode levar à mudança lingüística, no sentido de *ai* e de *daí* virem a ocupar pouco a pouco o espaço de *e* e de *então*.

4.1.2. Resultados e discussão

Tabela 1: Influência da idade sobre o uso de *e*, *ai*, *daí* e *então*

IDADE	E			AI			DAÍ			ENTÃO		
	Ap./Tot	%	PR	Ap./Tot	%	PR	Ap./Tot	%	PR	Ap./Tot	%	PR
09 a 12 anos	300/1.146	26	0,39	144/1.146	13	0,24	686/1.146	60	0,91	16/1.146	01	0,12
15 a 21 anos	479/1.064	45	0,51	310/1.064	29	0,64	161/1.064	15	0,64	114/1.064	11	0,36
25 a 45 anos	488/1.113	44	0,52	290/1.113	26	0,60	29/1.113	03	0,21	306/1.113	27	0,74
+ de 50 anos	523/977	54	0,59	182/977	19	0,40	14/977	01	0,13	258/977	26	0,77
TOTAL	1.790/4.300	42		926/4.300	22		890/4.300	21		694/4.300	16	
Input: .43 Sig: .002				Input: .19 Sig: .015			Input: .20 Sig: .005			Input: .15 Sig: .000		
Log-likelihood: -2179,259				Log-likelihood: -1852,120			Log-likelihood: -1284,763			Log-likelihood: -1285,255		

Falantes com mais de 50 anos são os que mais tendem à utilização do *e*. Esse conector também é bastante freqüente na fala dos

indivíduos de 25 a 45 anos e dos adolescentes, e tem uso mais restrito apenas entre os pré-adolescentes. O *ai* é mais freqüente na fala dos adolescentes e dos indivíduos de 25 a 45 anos. Quanto ao *daí*, os falantes mais jovens (com até 21 anos) tendem ao uso do conector, enquanto falantes mais velhos inclinam-se fortemente a seu desfavorecimento (com percentagens de 01 e 03%). Os grupos que mais fazem uso do *então* são aqueles referentes a indivíduos maiores de 25 anos. Em oposição, indivíduos com menos de 21 anos o repelem intensamente. Portanto, as hipóteses propostas para o grupo de fatores idade foram confirmadas: os conectores mais novos e de menor status, *ai* e *daí*, estão associadas aos falantes mais jovens, ao passo que os mais antigos e não estigmatizados, *e* e *então*, estão associadas aos falantes mais velhos. As exceções são a inesperada alta freqüência do *ai* entre os indivíduos de 25 a 45 anos e a sua baixa freqüência entre os pré-adolescentes.

Uma vez que foi constatada uma correlação significativa entre a idade dos informantes e o uso de *e*, *ai*, *daí* e *então*, a possibilidade de que uma mudança esteja em curso é grande: *daí* está ocupando um espaço maior no domínio da seqüenciação a cada geração considerada. Analisemos com maior detalhe.

Como vários estudos têm constatado a existência do uso intenso de formas inovadoras por indivíduos em torno de dezesseis a vinte anos de idade, Labov (2001) acredita que deva haver um *pico de uso* no período final da adolescência, ao qual se segue a diminuição constante do uso das formas inovadoras à medida que aumenta a idade dos informantes, ocorrendo uma distribuição linear crescente ou decrescente a partir das faixas adultas. Precedendo o pico de uso na fala adolescente, haveria um uso ainda elevado, mas menor, das formas em questão, por parte dos indivíduos com menos de dezesseis anos.

Como contraparte, podemos esperar um *pico de desuso*, entre os adolescentes, das formas competidoras com maior tempo de serviço. No caso da seqüenciação em Florianópolis, as formas mais antigas e

de maior *status*, e *e* *então*, parecem estar perdendo porções do território a cada geração, o que é evidenciado pela distribuição etária decrescente: quanto mais jovem os falantes, menor a utilização do *e* e do *então*. Contudo, a retração do uso do *e* acontece de modo mais suave, verificando-se a existência de um declive maior de desuso apenas na fala dos pré-adolescentes. Já os desenvolvimentos do *então* em termos geracionais apresentam um pico de recalque de uso que se inicia entre os adolescentes e se acentua entre os pré-adolescentes, como se estes tivessem sido contagiados pela “aversão” ao conector demonstrada por seus irmãos e/ou amigos mais velhos e a tivessem intensificado ainda mais.

E quanto a *ai* e a *daí*? A distribuição do *ai* pelas três faixas etárias mais velhas caracteriza-se por um aumento de frequência acompanhando a diminuição da idade (de 19% entre os indivíduos com mais de 50 anos a 29% entre os adolescentes). Configura-se, portanto, uma distribuição linear crescente que poderia ser interpretada, a despeito da ausência de um pico mais intenso de uso na adolescência, como indício de mudança gradual em curso, no sentido de que as gerações vindouras optariam cada vez mais pelo *ai* como marca da seqüenciação. Contudo, os resultados para o grupo mais jovem, de 09 a 12 anos, frustram essa interpretação: a utilização do conector sofre uma grande contração, passando da frequência de 29% e do peso de 0,64 referentes à faixa anterior, para 13% e 0,24.

Silva e Macedo (1996:29), com base em dados de informantes cariocas, analisaram a influência da idade sobre o uso do *ai* e concluíram que, quanto mais jovem o falante, maior é o uso do conector em questão. Os pesos relativos atribuídos a cada uma das faixas etárias consideradas foram: de 7 a 14 anos = 0,70; de 15 a 25 anos = 0,60; de 26 a 50 anos = 0,40; mais de 50 anos = 0,30. Foi obtida, portanto, uma distribuição linear crescente: o aparecimento do *ai* aumenta à medida que diminui a idade dos informantes. Ou seja, no Rio de Janeiro, o *ai* parece não ter tido interrompida sua trajetória de aumento em progressão geracional, ocupando o conector mais e mais terreno

no domínio da seqüenciação a cada novo grupo etário.²²

Em Florianópolis, entre os indivíduos de 15 a 21 anos, a frequência do *ai*, de 29%, já é a segunda maior (nessa faixa etária, ele perde apenas para o *e*, com 45%), e o peso relativo, 0,64, é semelhante ao atribuído à faixa etária correspondente no estudo de Silva e Macedo (indivíduos de 15 a 25 anos), 0,60. Se o processo de incremento de uso a cada nova geração tivesse tido continuidade em Florianópolis, o *ai* poderia ter sido conservado, na fala dos pré-adolescentes, como uma das formas detentoras da maior parte do território da seqüenciação. Nesse caso, talvez apresentasse um peso relativo similar ao do *ai* carioca no grupo de 7 a 14 anos (0,70). Contudo, no grupo florianopolitano correspondente (de 09 a 12 anos), uma das camadas/variantes – a mais recente – aparece atirando para todos os lados e tomando espaço dos demais seqüenciadores.

O uso do *daí* para sinalizar a seqüenciação entre informações é bem menos freqüente entre os florianopolitanos com mais de 25 anos. Na faixa representando a geração seguinte, de 15 a 21 anos, há um pico de uso, em comparação com as duas faixas anteriores: 15% e 0,64. Surpreendentemente, surge um pico de uso ainda maior entre os pré-adolescentes: 60% e 0,91. Parece que os adolescentes de Florianópolis adotaram o *daí* como marca identitária e o transmitiram a falantes cada vez mais jovens, até haver uma explosão de uso entre os pré-adolescentes.

Cumpramos ressaltar que Labov (2001) prevê que os picos de mudança acontecem na fala de indivíduos no final da adolescência. No caso da seqüenciação em Florianópolis, tal não se verifica: os picos de uso e de desuso de *e*, *ai*, *daí* e *então* encontram-se na faixa etária de 09 a 12 anos, e não na faixa de 15 a 21 anos. As razões que motivam os indivíduos, na pré-adolescência, a super disseminarem formas inovadoras e de baixo *status* devem ser as mesmas que motivam os adolescentes. As pessoas de 09 a 12 anos já estão em uma fase de busca e afirmação da identidade, procurando distinguir-se dos pais e aproximar-se do grupo de pares. Nesse processo, podem adotar formas lin-

güísticas como marcas identitárias, reforçando um modo de falar “jovem”, em oposição a um modo de falar “adulto” (ou “velho”), do qual querem marcar distanciamento.²³

Podemos interpretar os números elencados na tabela 6 como significando que o *ai* tomou um pouco do espaço do *e* entre o grupo de 25 a 45 anos (a frequência daquele aumentou, a deste diminuiu) e outro tanto do *e* e do *então* entre os adolescentes, mas a mudança em direção ao predomínio do *ai* na seqüenciação foi interrompida em razão da super disseminação do *daí*. Todavia, o maior atingido pelo avanço do *daí* parece ter sido o *então*, cuja evolução reflete, como imagem de espelho, a do *daí*: o pico de uso – altíssimo – do *então* acontece entre os falantes adultos e com mais de 50 anos e o do *daí* – ainda mais alto – entre os falantes adolescentes e pré-adolescentes. À medida que a utilização do *daí* aumenta, a do *então* diminui.

Enfim, podem ser tomados como indícios de que, em Florianópolis, uma mudança vigorosa em termos da difusão dos conectores seqüenciadores está em andamento: (i) o aparecimento intenso da forma mais inovadora entre os adolescentes e, especialmente, entre os pré-adolescentes – um pico de uso –; (ii) o quase desaparecimento de uma das formas mais antigas nas mesmas faixas etárias – um pico de desuso –; (iii) o fato de que os dois grupos adultos apresentam uma distribuição linear decrescente para o *daí* e crescente para o *então* (a frequência do primeiro diminui com o aumento da idade dos informantes, e a do segundo aumenta), consoante previsto por Labov (2001) para casos de mudança. Já o *ai*, descontando-se o grupo mais jovem, parece passar por uma mudança menos vigorosa, pois, embora seja constatada uma queda mais acentuada entre as faixas de 25 a 45 anos e mais de 50 anos, o uso do conector diminui gradualmente entre os adolescentes e adultos. A mudança para o *e* também parece ser mais suave, havendo um decréscimo de uso gradual com a diminuição da idade dos informantes e apenas um salto mais brusco, entre a faixa etária de 15 a 21 anos e a de 09 a 12 anos.

4.2. Escolaridade - barrados na escola

4.2.1. Caracterização e hipóteses

Os 36 informantes do *corpus* de Florianópolis com mais de quinze anos foram distribuídos em três níveis de escolarização: de quatro a cinco anos (ou o equivalente à 4ª e 5ª séries do ensino fundamental); oito anos (8ª série do ensino fundamental); onze anos (3º ano do ensino médio). Optei por não tomar em conjunto os informantes de 09 a 12 anos e os demais informantes com quatro a cinco anos de escolaridade, pois o *status* social de cada um desses grupos é obviamente bastante distinto: os pré-adolescentes possuem a escolaridade esperada para indivíduos dessa faixa etária, mas os adolescentes e adultos que cursaram apenas quatro ou cinco são bastante desvalorizados socialmente, em especial no mercado de trabalho. No entanto, a existência de um fator controlando à parte a escolaridade dos informantes de 09 a 12 anos causou enviesamento nos resultados de algumas rodadas do programa estatístico, já que esse fator apresentava identidade de dados em relação a outro fator, pertencente ao grupo *idade*, qual seja, *de 09 a 12 anos* (os membros de um são exatamente os membros do outro). Dessa guisa, o grupo de fatores *escolaridade* passou a ser controlado apenas em relação aos 3.154 dados extraídos da fala dos 36 informantes florianopolitanos com mais de 15 anos, distribuídos homogeneamente quanto aos três fatores, *quatro anos*, *oito anos* e *onze anos* de escolaridade.²⁴

Há situações de estratificação/variação em que as camadas/varíantes são claramente avaliadas como pertinentes ou não à variedade padrão/culta da língua. Em tais situações, a opção pela utilização de uma dentre duas ou mais das camadas/variantes costuma correlacionar-se à escolarização dos usuários da língua, no sentido de que, quanto mais anos passados na escola, maior o uso das formas que possuem conceito social positivo. A escolarização continuada, portanto, é um dos fatores que contribui para a padronização da fala e da escrita consoante os preceitos da língua padrão/culta.

Esse pode ser o caso da seqüenciação: empregos conectivos de *ai* e de *daí* costumam ser considerados, pelos professores de língua portuguesa em geral, não apenas como típicos da fala (e, mesmo assim, apenas em situações mais informais ou coloquiais), mas até como vícios de linguagem, e, por conta disso, sua recorrência deve diminuir na fala dos indivíduos que tiveram um maior tempo de contato com a escolarização formal e, por tabela, mais experiência com a variedade padrão/culta da língua. Como contraparte, *e* e *então* seriam mais frequentes na fala desses indivíduos, como alternativas de maior prestígio para a seqüenciação de informações.

Não foram realizados, para esta pesquisa, testes sistemáticos de avaliação do *status* de *e*, *ai*, *daí* e *então* no mercado lingüístico florianopolitano, especialmente em razão da dificuldade em re-contatar os 48 informantes cujas entrevistas integram o *corpus* em análise: embora seja possível angariar indícios acerca do *status* dos seqüenciadores recorrendo a quaisquer membros da comunidade de fala, o ideal seria obter avaliações diretamente dos indivíduos que forneceram os dados para o estudo. Contudo, elaborei e apliquei um rápido teste avaliativo com um pequeno grupo de florianopolitanos, composto por dois pré-adolescentes cursando a quarta série do ensino fundamental, dois adolescentes cursando a oitava série do ensino fundamental, quatro adolescentes vestibulandos (ensino médio completo) e três adultos, um com oito anos de escolarização e dois com onze, todos naturais de Florianópolis.

O teste apresentou diversas situações de fala e de escrita formais e informais, em relação às quais os avaliadores deveriam ordenar, em ordem de preferência, dentre as opções - *e*, *ai*, *daí* e *então* - os seqüenciadores que utilizariam (e, se fosse o caso, apontar quais não utilizariam). Ao final, era solicitada a opinião do avaliador acerca da relação entre os quatro conectores e a língua padrão/culta, através de duas perguntas: (i) *Em sua opinião, um ou mais dentre os conectores E, AI, DAÍ e ENTÃO não pertence(m) à língua portuguesa padrão/culta? Em caso afirmativo, qual ou quais?* e (ii) *Em que tipo de situações de fala ou de escrita*

os conectores não pertencentes à língua padrão/culta deveriam ser evitados? Por quê? O fato de um item ser preferido em situações de fala e de escrita mais formais, às expensas de outros capazes de manifestar semelhante função-significação, é um forte indício da valoração positiva dada ao item pela comunidade e de sua vinculação com variedades lingüísticas de prestígio.

Algumas das respostas fornecidas pelos florianopolitanos consultados confirmam a hipótese de que o *ibope* do *ai* e do *daí* é realmente baixo na comunidade:

- “Minha professora não gosta que a gente fala muito *ai*, *daí*, *né*, essas coisas.” (R, 10 anos, quarta série)
- “Para apresentar um trabalho na sala de aula, é melhor dizer *então* ao invés de *ai* e *daí*.” (J, 14 anos, oitava série)
- “Uma vez, quando eu estava na sexta série, falei 63 *ai* para contar a história do livro “Rainha das Neves” e o professor contou todos e depois me repreendeu.” (A, 17 anos, ensino médio)
- “O *e* é a coisa normal, básica, ninguém percebe. Na redação do vestibular eu usaria – e olhe lá – o *então*. E o *e* também, claro.” (A, 17 anos, ensino médio)
- “Esses *ai* e *daí* são normais na fala, todos usam.” (S, 50 anos, ensino médio)
- “*AI* e *daí* não pertencem à língua correta, o seu uso não é recomendado pelos professores de português.” (P, 42 anos, ensino médio)

Outra boa evidência de que a escola exerce pressão para que seja evitado o emprego dos conectores *ai* e *daí*, sobretudo na escrita, é a sua presença insignificante nas redações do vestibular. Em um estudo feito por Görski & Tavares (2001), comparando discursos argumentativos orais (em entrevistas do Projeto VARSUL) e escritos (em redações de vestibular da UFSC), *ai* e *daí* representaram, somados, 28% dos conectores seqüenciadores encontrados na argumentação oral, ao passo que, na argumentação escrita, foi encontrado apenas um *ai*.²⁵

Na seção 4.2, foi levantada a possibilidade de o *daí*, além de ser uma marca típica da fala dos pré-adolescentes e dos adolescentes, ser uma marca regional, típica do município de Florianópolis (ou talvez do estado de Santa Catarina). Somente um estudo de grandes proporções pode ser esclarecedor a esse respeito: faz-se necessário comparar o panorama das distribuições sociolinguísticas de *e*, *aí*, *daí* e *então* no domínio da seqüenciação em diversas comunidades de fala do Brasil para que sejam obtidas evidências consistentes de que a super disseminação do *daí* na fala dos pré-adolescentes é um fenômeno regional. No entanto, alguns depoimentos informais colhidos de pessoas (ou melhor, linguistas, bastante atentos ao como falam em seu redor) pertencentes a comunidades de fala de outras cidades (Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador) apontam fortemente nessa direção, afirmando que o grande uso (o abuso mesmo!) do *daí* em Florianópolis chama a atenção e que não têm observado tão grande recorrência do conector em suas comunidades e muito menos na fala das crianças. Ou seja, há bons indícios de que o *daí* é de fato uma marca identitária dos adolescentes e pré-adolescentes florianopolitanos.

Apreciemos, a seguir, a distribuição de *e*, *aí*, *daí* e *então* em relação ao nível de escolaridade dos informantes com mais de 15 anos.

4.2.2 Resultados e discussão

Tabela 2: Influência da escolaridade sobre o uso de *e*, *aí*, *daí* e *então*

	E			AÍ			DAÍ			ENTÃO		
ESCOL	Ap./Tot	%	PR	Ap./Tot	%	PR	Ap./Tot	%	PR	Ap./Tot	%	PR
4 anos	506/1.203	42	0,46	444/1.203	37	0,63	89/1.203	07	0,56	164/1.203	14	0,37
8 anos	501/991	51	0,50	172/991	17	0,42	71/991	07	0,58	247/911	25	0,55
11 anos	483/960	50	0,54	166/960	17	0,41	44/960	05	0,38	267/960	28	0,59
TOTAL	1.490/3.154	47		782/3.154	25		204/3.154	06		678/3.154	21	
	Input: .43 sig: .002			Input: .19 Sig: .015			Input: .20 Sig: .005			Input: .15 Sig: .000		
	Log-likelihood: -2179,259			Log-likelihood: -1852,120			Log-likelihood: -1284,763			Log-likelihood: -1285,255		

Os florianopolitanos com oito e onze anos de escolaridade são os que mais utilizam o *e*, confirmando a expectativa de uma maior recorrência desse conector entre os grupos de falantes que tiveram mais tempo de contato com a aprendizagem formal. A escola parece influenciar também o uso do *aí*: há uma forte inclinação para que o *aí* ocorra na fala de indivíduos com quatro de escolaridade, paralelamente à redução de seu emprego por parte dos mais escolarizados. Como o *aí*, o *daí* se destaca entre indivíduos de menor escolaridade, mas também na fala dos indivíduos com oito anos de ensino fundamental. A exemplo do *e*, colega de serviço com o qual possui em comum o bom conceito no mercado linguístico, o *então* é mais recorrente junto a informantes de níveis de escolaridade mais altos, como uma alternativa não estigmatizada de seqüenciar informações.

Enfim, a comparação entre a influência do nível de escolaridade sobre cada um dos conectores em estudo revela uma oposição entre o *aí* e o *daí*, os articuladores de menor *status*, que predominam na fala de indivíduos menos escolarizados, e o *e* e *então*, articuladores não estigmatizados, que predominam na fala de indivíduos mais escolarizados.

4.3. Sexo - as garotas são as maiores responsáveis?

4.3.1. Caracterização e hipóteses

Segundo Labov (1990:205) e Chambers (1995:111), em situações sociolinguísticas estáveis, os homens usam uma frequência maior de formas não padrão do que as mulheres, que tendem a preferir formas socialmente valorizadas. Uma inversão dessa tendência pode ser tomada como indicação de que uma nova forma está se implementando na língua: em grande parte das mudanças linguísticas, são as mulheres que utilizam mais as formas inovadoras, inclusive as estigmatizadas. Por que as mulheres são, em geral, as líderes da mudança? Uma possível explicação está no fato de que a maioria das crianças aprendem os rudimentos de sua língua nativa com mulheres (mães, babás, professoras de creches), o que faz com que as mudanças que têm liderança feminina sejam aceleradas, às expensas das lideradas

pelos homens. Comparando resultados obtidos por estudos sociolinguísticos em diversas partes do mundo, Labov (2001:445) obteve indícios que apontam como líderes da transmissão da mudança linguística um grupo específico de mulheres, as adolescentes: uma garota de doze anos observa as formas inovadoras usadas pelas garotas de dezesseis anos e avança seu próprio uso, ao imitá-las.

Os resultados obtidos para o grupo de fatores idade trazem diversas evidências de que está em progresso uma mudança vigorosa em termos da difusão dos conectores sequenciadores. A propósito das influências do grupo de fatores *sexo*, uma possível previsão seria a de um maior uso do *e* e do *então* por parte das mulheres, pois trata-se de conectores não estigmatizados, opondo-se a um maior uso por parte dos homens do *ai* e do *daí*, conectores considerados de menor *status* social. No entanto, como parece estar em jogo o fenômeno de mudança em direção ao incremento do uso do *daí* como marca da sequenciação, é possível que as mulheres estejam liderando o processo, fazendo um maior uso desse conector em relação aos homens.

4.3.2 Resultados e discussão

Tabela 3: Influência do sexo sobre o uso de *e*, *ai*, *daí* e *então*

	E				AI				DAÍ				ENTÃO			
SEXO	Ap./Tot.	%	PR		Ap./Tot.	%	PR		Ap./Tot.	%	PR		Ap./Tot.	%	PR	
Feminino	973/2.203	44	0,52		491/2.203	22	0,51		408/2.203	19	0,49		331/2.203	15	0,46	
Masculino	817/2.097	39	0,48		435/2.097	21	0,49		482/2.097	23	0,51		363/2.097	17	0,54	
TOTAL	1.790/4.300	42			926/4.300	22			890/4.300	21			694/4.300	16		
	Input: 43 Sig: 0,002				Input: 19 Sig: 0,086				Input: 20 Sig: 0,215				Input: 15 Sig: 0,000			
	Log-likelihood: 2179,259				Log-likelihood: 1851,521				Log-likelihood: 1283,990				Log-likelihood: 1285,255			

Não é confirmada a hipótese de que as mulheres optariam pelos sequenciadores mais valorizados socialmente: o *e* destaca-se entre as mulheres, mas o *ai*, de menor *status* social, também. A hipótese complementar, isto é, de que os homens dariam privilégio a conectores não padrão,

também é apenas parcialmente confirmada: o *daí* é favorecido na fala dos homens, mas o *então*, que conta com boa avaliação no mercado linguístico, também o é. Também não foi confirmada a hipótese de que as mulheres estariam conduzindo a mudança em direção ao predomínio do *daí* no domínio da sequenciação em Florianópolis: esse conector é ligeiramente mais recorrente na fala dos homens que na fala das mulheres.

Talvez tais resultados se devam ao modo como o grupo de fatores *sexo* foi controlado, isolada e globalmente. Foi notado que o comportamento de homens e mulheres pode ser bastante diferente entre si quando se considera a interação de *sexo* com outros grupos de natureza social. (Labov, 1990:221) Um cruzamento entre *sexo* e *idade* pode revelar, por exemplo, se são as adolescentes e as pré-adolescentes quem mais avançam a mudança. Um cruzamento entre *sexo* e *escolaridade* também pode ser esclarecedor, permitindo que se observe se o comportamento das mulheres e dos homens de uma mesma escolaridade é similar.²⁶ Vejamos:

Tabela 4: Cruzamento entre sexo e idade

		E		AI		DAÍ		ENTÃO	
		Ap./%	PR	Ap./%	PR	Ap./%	PR	Ap./%	PR
SEXO	Feminino	IDADE							
	09-12	173/33	0,51	95/18	0,44	236/46	0,75	13/03	0,24
	15-21	232/44	0,48	87/17	0,48	142/27	0,88	63/12	0,50
	25-45	307/45	0,55	228/33	0,65	22/03	0,28	131/19	0,68
	+de50	261/55	0,57	81/17	0,53	08/02	0,23	124/26	0,76
	TOTAL	973/100		491/100		408/100		331/100	
SEXO	Masculino	IDADE							
	09-12	127/20	0,33	49/08	0,19	450/72	0,91	03/00	0,06
	15-21	247/46	0,55	223/41	0,73	19/04	0,31	51/09	0,48
	25-45	181/43	0,47	62/15	0,46	07/02	0,21	175/41	0,86
	+de50	262/52	0,56	101/20	0,56	06/01	0,16	134/27	0,75
	TOTAL	817/100		435/100		482/100		363/100	

Homens e mulheres de mais de 50 anos tendem a um comportamento aproximado ao favorecer o aparecimento do *e* e do *ai* em sua fala. O *e* e o *ai* também são favorecidos por mulheres de 25 a 45 anos e por adolescentes do sexo masculino. Estes se opõem, portanto, às adolescentes, em cuja fala recebe maior espaço o *daí*, que também é francamente favorecido na fala dos pré-adolescentes tanto do sexo feminino, quanto do sexo masculino. Homens e mulheres de mais de 25 anos são os que mais se inclinam ao uso do *então*. *Então* relaciona-se, dessa guisa, aos florianopolitanos mais maduros, tanto homens quanto mulheres. *E* e *ai* mostram vínculo também com adolescentes do sexo masculino (0,55 e 0,73, respectivamente). Na fala dos demais grupos – adolescentes de sexo feminino e pré-adolescentes de ambos os sexos – predomina o *daí*.

O cruzamento entre *sexo* e *idade* revela os grupos líderes da mudança rumo ao incremento do uso do *daí* na seqüenciação florianopolitana: as adolescentes e as meninas e os meninos pré-adolescentes. A previsão de que as mulheres seriam líderes do processo de transmissão das inovações no reino da seqüenciação é confirmada, relativizando-se sexo à idade: os dois grupos de mulheres jovens pressionam a inovação.

É possível tecer a hipótese de que o *daí* tornou-se inicialmente marca identitária das adolescentes de 15 a 21 anos (frequência de 27% e peso relativo de 0,88), em oposição aos adolescentes, em cuja fala o *daí* é desfavorecido (04% e 0,31). A tendência de incremento do uso do seqüenciador em causa foi transmitida a garotas cada vez mais jovens, até estourar como marca da fala dos pré-adolescentes de ambos os sexos. É digno de nota o fato de que não só as garotas, mas também os garotos de 09 a 12 anos tomaram o *daí* como marca identitária, afastando-se dos adolescentes de sexo masculino, e aproximando-se mais das adolescentes e garotas da 09 a 12 anos. Talvez os garotos desta faixa etária tenham acelerado mais o uso do *daí*, em comparação com as garotas da mesma idade: a frequência do conector na fala deles é de 0,72% e o peso relativo é de 0,91, maiores que na fala delas, de 46% e 0,75.

Agora, passemos à análise dos números expostos na tabela 5:

Tabela 5: Cruzamento entre sexo e escolaridade

SEXO		E		Ai		Daí		Então	
		ESCOL.	Ap./% PR	Ap./% PR	Ap./% PR	Ap./% PR	Ap./% PR	Ap./% PR	Ap./% PR
		4anos	275/45 0,41	203/33 0,48	73/12 0,86	60/10 0,22	8anos	319/53 0,48	91/15 0,25
Feminino	8anos	319/53 0,48	91/15 0,25	67/11 0,83	125/21 0,44	11anos	206/44 0,38	102/22 0,35	32/07 0,74
	11anos	206/44 0,38	102/22 0,35	32/07 0,74	133/28 0,58	TOTAL	800/100	396/100	172/100
	TOTAL	800/100	396/100	172/100	318/100				
Masculino	ESCOL.	Ap./% PR	Ap./% PR	Ap./% PR	Ap./% PR	Ap./% PR	Ap./% PR	Ap./% PR	Ap./% PR
	4anos	231/39 0,51	241/41 0,79	16/03 0,13	104/18 0,58	8anos	182/47 0,53	81/21 0,66	04/01 0,12
	8anos	182/47 0,53	81/21 0,66	04/01 0,12	122/31 0,69	11anos	277/57 0,72	64/13 0,48	12/02 0,19
	11anos	277/57 0,72	64/13 0,48	12/02 0,19	134/28 0,63	TOTAL	690/100	386/100	32/100
	TOTAL	690/100	386/100	32/100	360/100				

O *e* encontra um bom nicho na fala dos homens com ensino médio completo. O *ai* é favorecido na fala dos homens com quatro e oito anos de escolaridade. O *daí* encontra espaço na fala das mulheres, independentemente da escolaridade. Em oposição, o *então* encontra espaço na fala dos homens. Portanto, o comportamento das mulheres e dos homens com o mesmo tempo de contato com o ensino formal não é idêntico. Na fala das mulheres que tiveram quatro ou oito anos de escolarização, é o *daí* que recebe destaque, ao passo que, na fala dos homens de mesma escolarização, são o *ai* e o *então* que recebem destaque. Mulheres e homens com ensino médio assemelham-se quanto à preferência pelo *então*: recebem pesos relativos similares (0,58 e 0,63%, respectivamente). No entanto, diferenciam-se quanto ao peso relativo mais alto: para as mulheres, é o *ai* que o recebe (0,74), e, para os homens, é o *e* (0,72).

Podemos dizer que mulheres com os três níveis de escolaridade considerados lideram a mudança em direção ao *daí*, ressaltando-se

que, quanto menor a escolaridade da falante, maior o avanço obtido pelo conector, e que, na fala das mulheres de maior escolaridade, o *então* também é condicionado positivamente. Já os diversos grupos de homens representam trincheiras contra o avanço do *daí*, optando com boa frequência pelo *e*, pelo *aí* e pelo *então*.

No cruzamento entre *sexo* e *escolaridade*, o grupo de informantes de 09 a 12 anos foi deixado de lado, uma vez que seus membros possuem o mesmo nível de escolaridade. Claro que os florianopolitanos que mais têm contribuído para a super disseminação do *daí* como marca da seqüenciação pertencem à essa faixa etária e à escolaridade correspondente. Contudo, a partir da análise dos resultados do cruzamento *sexo/escolaridade*, podemos acrescentar ao grupo de disseminadores do *daí* também as mulheres de todos os níveis de escolaridade – em especial as de 15 a 21 anos, as quais também são apontadas, pelos resultados obtidos para o cruzamento entre *sexo* e *idade*, como um dos grupos que mais favorece o *daí*.

5. Considerações finais

Neste estudo, foi investigado o grau de difusão de *e*, *aí*, *daí* e *então* em diferentes estratos de uma comunidade de fala, a de Florianópolis, destacando-se em especial o papel das motivações de natureza social *valorização atribuída às camadas/variantes e marcação identitária*. A direção da atuação dessas motivações sobre a propagação dos conectores seqüenciadores mais recentes foi inferida via controle dos grupos de fatores sociais *idade*, *escolaridade* e *sexo*, obtendo-se indícios de que uma mudança está em andamento no domínio de seqüenciação em tela. A seguir, listo os principais indícios:

- (i) os resultados em termos de estratificação etária, especialmente:
 - (a) o pico de uso do *daí* na fala dos pré-adolescentes, acompanhado de uma distribuição linear decrescente ao longo dos demais grupos etários; (b) o pico de desuso do *então* entre os pré-adolescentes, acom-

- panhado de uma distribuição linear crescente ao longo dos demais grupos etários; (c) a contínua retração de aparecimento do *e* na fala das gerações cada vez mais jovens (porém com estabilidade nas duas faixas intermediárias, com percentuais e pesos relativos similares); (d) a diminuição da recorrência ao *aí* entre os pré-adolescentes;
- (ii) os resultados obtidos para o grupo de fatores *sexo*, que permitem a identificação das adolescentes de 15 a 21 anos como líderes iniciais da super disseminação do *daí* na comunidade, a qual atingiu com vigor ainda maior tanto as meninas quanto os meninos de 09 a 12 anos (embora tenha atingido mais a estes);
- (iii) a clara existência de estigmatização em relação a algumas das camadas/variantes em disputa pelo domínio – as mais recentes na língua –, estigmatização que se reflete nos resultados apontados pelo grupo de fatores *escolaridade* (que mostram que a escola tem combatido as inovações) e nas próprias avaliações feitas por membros da comunidade de fala, os quais, em geral, consideram o uso de *aí* e de *daí* menos apropriado que o de *e* e o de *então*, especialmente para situações mais formais e para a escrita;
- (iv) o fato de que o fenômeno de super disseminação do *daí* é perceptível tanto por quem reside no município quanto por quem por aí passa rapidamente (são muitos os que observam que “Florianópolis usa muito *daí*”). Enfim, a mudança – do *daí* em particular, e do domínio da seqüenciação como um todo – parece estar avançando hoje mesmo, diante de nossos olhos surpresos.

Tais resultados estão em conformidade com a ação esperada das duas motivações de ordem social aqui consideradas, que parecem estar em competição na comunidade de fala de Florianópolis. De um lado, a adoção do *daí* como marca identitária pelos adolescentes e pré-adolescentes resulta em um acréscimo de seu uso entre indivíduos dessas faixas etárias. Do outro lado, a estigmatização que *aí* e *daí* sofrem na comunidade leva a uma menor taxa de aparecimento entre os informantes mais escolarizados. Na fala desses indivíduos, o *e* e o *então* têm

preservado seu espaço, como conectores socialmente valorizados.

Entretanto, é digno de nota que as reações contrárias à difusão do *daí* não parecem constituir barreira suficiente para impedir o movimento de tomada de um bom naco do território da seqüenciação florianopolitana por parte desse conector. É possível que os hoje pré-adolescentes tenham diminuída a taxa de aparecimento do *daí* em sua fala à medida que amadurecerem. Conforme Labov (2001), é previsto que ocorra, nos processo de mudança, após o pico de uso da forma inovadora, uma diminuição de sua utilização: ela é incorporada, ainda com índices de grande freqüência, à gramática dos falantes do grupo em que teve seu uso fortemente acelerado, mas passa a recorrer menos, em comparação com a fase de pico de uso. Assim, a mudança adquire matizes não tão radicais e sim uma maior gradualidade: passa a haver uma distribuição linear crescente ou decrescente entre as faixas etárias adultas, agora representadas pelos indivíduos que levaram a forma inovadora a seu ápice quando jovens. Ou seja, o *daí* poderá de fato vir a superar as demais concorrentes com o passar do tempo, mas com uma velocidade menor do que a que seria prevista considerando-se somente seu estágio de pico de uso atual.

O procedimento típico da sociolinguística variacionista de análise de mudança em tempo aparente considerando-se a estratificação etária dos falantes mostrou-se bastante significativo para o estudo da gramaticalização no domínio da seqüenciação de informações, pois permitiu observar o grau de propagação das estratégias de seqüenciação inovadoras (e também das que estão sendo abandonadas). É importante notar que os indícios de mudança coletados e, em especial, a super disseminação do *daí* na fala dos pré-adolescentes, denunciam a possibilidade de estar em curso também um processo de mudança funcional.

A gramaticalização representa a passagem para significados mais genéricos, negociáveis, abstratos e freqüentes. No processo de mudança, a perda da especificidade semântica de uma forma favorece a extensão de sua aplicação para domínios funcionais diversos. Isso

acontece porque o significado genérico é mais moldável às necessidades da comunicação e, portanto, passível de ser expandido para mais e mais contextos, o que implica uma espiral em que aumento de freqüência leva à mudança e esta resulta em freqüência ainda maior (cf. Bybee, 2003). Assim sendo, os rumos sociais dados aos itens lingüísticos podem empurrá-los adiante em seu processo de gramaticalização. Por exemplo, o super uso de uma forma por parte de certos estratos de uma comunidade de fala é capaz de incrementar sua mudança funcional, pois o aumento da freqüência a coloca num campo aberto para alterações rumo a níveis cada vez mais gramaticais.²⁷ Na retaguarda desse processo rumo a etapas mais avançadas de gramaticalização, costuma estar a questão da marcação da identidade: como os indivíduos mais jovens tendem a super utilizar as marcas lingüísticas identitárias, acabam acelerando o andamento de seu processo de gramaticalização, contribuindo, por meio da grande recorrência, para que mais e mais contextos passem a ser codificados por elas. Nessa perspectiva, o papel dos falantes jovens é de grande relevância para a velocidade de desenvolvimento da gramaticalização.

Aplicando tal proposta ao caso sob enfoque, a partir da constatação de que há um grande aumento na freqüência de aparecimento do *daí* na fala pré-adolescente, podemos tecer a hipótese de que essa utilização intensa esteja pressionando a seleção dessa forma para a codificação de papéis cada vez mais genéricos e abstratos. Isso não implica que as gerações mais jovens têm investido o *daí* de funções inteiramente novas no domínio da seqüenciação, e sim ampliado sua freqüência de uso em contextos de seqüenciação aos quais é vinculado com menor regularidade pelas gerações mais velhas – papéis antes desempenhados com maior freqüência por *e*, *então* e mesmo *ai*.²⁸ Ou seja, teríamos em cena uma disseminação funcional do *daí*, *pari passu* a sua super disseminação na fala dos florianopolitanos mais jovens. O aumento da recorrência de um item gramatical em um dado contexto significa um avanço em seu processo de rotinização como marca regular desse contexto – em seqüência, significa um avanço em seu processo de gramaticalização,

hipótese que fica para um outro artigo.²⁹

Finalizo lembrando que abordagens à língua realizadas sob a ótica da gramaticalização buscam explicações para a mudança postulando motivações de ordem funcional – cognitivas e comunicativas – subjacentes às alterações sofridas pelas formas lingüísticas. Neste estudo, no entanto, foram destacadas motivações de natureza social – a valoração atribuída aos itens lingüísticos pelos membros da comunidade e a questão da marcação identitária –, passíveis de contribuir para a propagação das inovações ao longo do espectro social e para o próprio desenvolvimento do processo de mudança funcional em direção a níveis ainda mais gramaticais. Acredito que tais motivações possam ser incluídas sob o rótulo “motivações funcionais”, uma vez que são pertinentes à *função de identificar ou auxiliar a identificar, no discurso, o falante como pertencente a um dado estrato social* – certa faixa etária, nível de escolaridade e/ou sexo. As formas lingüísticas que manifestam essa função comumente apresentam forte concentração de uso na fala de indivíduos de algum dos estratos sociais mencionados. Somando-se as motivações sociais às motivações cognitivas e comunicativas tradicionalmente consideradas por estudos funcionalistas, temos, com efeito, uma vertente de pesquisa sociofuncionalista, cujos desdobramentos prometem ser frutíferos e instigantes.

Aceito em agosto de 2004.

Referências bibliográficas

- ANDROUTSOPOULOS, J.K. Grammaticalization in young people's language. The case of German. 1999. Disponível em <<http://www.rzuser.uni-heidelberg.de/~iandrou/papers/gramm.html>> Acesso em: 08 jun. 2000.
- BISANG, W. Grammaticalization and language contact, constructions and positions. In: RAMAT, A.G.; HOPPER, P.J. (Eds). **The limits**

- of grammaticalization**. Amsterdam: J. Benjamins, 1998. p.13-58.
- BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JANDA, R.; JOSEPH, B (Eds). **The handbook of historical linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003.
- _____. HOPPER, P.J. Introduction to frequency and the emergence of linguistic structure. In: BYBEE, J.; HOPPER, P.J. (Eds). **Frequency and the emergence of linguistic structure**. Amsterdam: J. Benjamins, 2001. p.01-24.
- CHAMBERS, J.K. **Sociolinguistic theory: linguistic variation and its social significance**. Cambridge: Blackwell, 1995.
- GIANNINI, S. Discourse and pragmatics conditions of grammaticalization. Spatial deixis and locative configurations in the personal pronoun system of some Italian dialectal areas. In: RAMAT, A.G.; HOPPER, P.J. (Eds). **The limits of grammaticalization**. Amsterdam: J. Benjamins, 1998. p.129-145.
- GIVÓN, T. **Syntax: a functional-typological introduction**. Vol.1. Amsterdam: J. Benjamins, 1984.
- _____. **Syntax: a functional-typological introduction**. Vol.2. Amsterdam: J. Benjamins, 1990.
- _____. **Functionalism and grammar**. Amsterdam: J. Benjamins, 1995.
- GÖRSKI, E.; TAVARES, M.A. Conectores seqüenciadores em seqüências expositivas/ argumentativas na fala e na escrita: subsídios para o ensino. Comunicação apresentada no **III SENAILE – Seminário Nacional sobre Linguagem e Ensino**. UCPel, Pelotas, 2001. Artigo submetido à avaliação para publicação.
- GUY, G.R. Form and function in linguistic variation. In: GUY, G.R. et al. (Eds). **Towards a social science of language**. Vol.1: Variation and change in language and society. Amsterdam: J. Benjamins, 1995. p.121-252.
- HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. **Grammaticalization: a conceptual framework**. Chicago: University of Chicago Press, 1991.
- HOPPER, P.J. Emergent grammar. **BLS**, v.13, p.139-157. 1987.

- _____. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E.C.; HEINE, B. (Eds). **Approaches to grammaticalization**. Vol.1: focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam: J. Benjamins, 1991. p.17-35.
- _____.; TRAUGOTT, E.C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- KERSWILL, P. Children, adolescence, and language change. **Language Variation and Change**, v.8, p.177-202. 1996.
- LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972a.
- _____. **Language in the inner city**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972b.
- _____. Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandra. **Working Papers in Sociolinguistics**, n.44. 1978.
- _____. The intersection of sex and social class in the course of linguistic change. **Language Variation and Change**, n.2, p.205-254. 1990.
- _____. **Principles of linguistic change: social factors**. Oxford: Blackwell, 2001.
- NEVES, M.H.M. Estudos funcionalistas no Brasil. **D.E.L.T.A.**, v.15, n. Especial, p.71-104. 1999.
- NICHOLS, J. Functional theories of grammar. **Annual Review of Anthropology**, v.13, p.97-117. 1984.
- PIERREHUMBERT, J.B. Exemplar dynamics: word frequency, and lexical analysis. In: BYBEE, J.; HOPPER, P.J. (Eds). **Frequency and the emergence of linguistic structure**. Amsterdam: J. Benjamins, 2001. p.137-157.
- PINTZUK, S. **VARBRUL program**. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1988. Impresso.
- RAMAT, A.G. Testing the boundaries of grammaticalization. In: RAMAT, A.G.; HOPPER, P.J. (Eds). **The limits of grammaticalization**. Amsterdam: J. Benjamins, 1998. p.107-127.
- SILVA, G.M.O.; MACEDO, A.V.T. Análise sociolinguística de alguns marcadores conversacionais. In: MACEDO, A.V.T.; RONCARATI,

- C.N.; MOLLICA, M.C. (Orgs). **Variação e discurso**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p.11-49.
- TAVARES, M.A. **A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da seqüenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista**. 2003a. 307 p. Tese (Doutorado) – Departamento de Letras, Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- _____. Condicionamentos lingüísticos e sociais sobre a seqüenciação de informações no português oral d'aquém e d'além mar: mudança em progresso? **SIGNUN: Estudos da linguagem**, Londrina, v.6, n.2, p.219-251, 2003b.
- TRAUGOTT, E.C. From propositional to textual and expressive meanings: some semantic-pragmatic aspects of grammaticalization. In: LEHMANN, W.P.; MALKIEL, Y. (Eds). **Perspectives on historical linguistics**. Amsterdam: J. Benjamins, 1982. p.245-271.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W.P.; MALKIEL, Y. (Eds). **Directions for historical linguistics**. Austin: University of Texas Press, 1968. p.97-195.

Notas

- 1 Este artigo é uma parte de minha tese de doutorado (Tavares, 2003), revisada e ampliada, com uma discussão mais refinada acerca de motivações sociais que podem estar subjacentes a um processo de gramaticalização.
- 2 As traduções são de minha responsabilidade.
- 3 É importante observar que a distinção das motivações por trás da constituição da gramática em quatro tipos – cognitivas, comunicativas, estruturais e sociais – não implica a existência de um recorte rígido entre esses tipos, pois, a cada situação comunicativa, motivações diversas atuam conjuntamente. Além disso, o estabelecimento de fronteiras claras entre elas é difícil, pois não raro se inter-relacionam e se interpenetram.
- 4 Na ótica da gramaticalização, o termo *função* pode recobrir tanto mudanças categoriais

- (a passagem do *ai* de usos anafóricos para usos conjuntivos, por exemplo), como mudanças semântico-pragmáticas (a passagem do *ai* da indicação espacial para a indicação temporal, por exemplo). Frequentemente, mas não necessariamente, os dois tipos de mudança co-ocorrem, e podem acarretar modificações nos padrões morfosintáticos de uso de um dado item.
- 5 “Domínio funcional” é empregado por Hopper no sentido de Givón (1984), em referência a áreas funcionais gerais (ou macro-domínios) como TAM (tempo/ aspecto/ modalidade), caso, referência, etc, ou áreas mais estritas (micro-domínios), como o tempo futuro, o sujeito, a dêixis. As formas pertinentes a cada domínio funcional são entendidas como um conjunto de elementos unificados funcionalmente, isto é, que desempenham o mesmo ou semelhante papel. O termo “camada” é utilizado em referência a essas formas alternantes de realização que convivem em um mesmo domínio.
 - 6 Conferir em Tavares (2003) maiores detalhamentos acerca dos aspectos do funcionalismo linguístico e da sociolinguística variacionista que são considerados e combinados e os que são deixados de lado na constituição do sociofuncionalismo, além de uma discussão epistemológica acerca do *locus* por essa vertente de estudos na pesquisa linguística.
 - 7 Citando Labov (2001:06): “As comunidades diferem na extensão com que estigmatizam as novas formas da língua, mas eu nunca encontrei ninguém que as recebesse com aplausos.”
 - 8 O vernáculo é “(...) o estilo em que o mínimo de atenção é dado ao monitoramento da fala”, isto é, o falante concentra mais a atenção no que fala e menos no como fala (Labov, 1972a:208). É a manifestação mais espontânea da língua, de onde costumemente emergem os dados mais sistemáticos para a análise.
 - 9 Tomemos um exemplo. Modelos de mudança sonora definiram o período final para a estabilização fonológica do sistema linguístico como ocorrendo aos dezessete anos de idade. Contudo, Norberg & Sundgren (1998 *apud* Labov, 2001:447) observaram que, no caso de algumas variáveis fonológicas investigadas por eles, adultos jovens continuavam a avançar a mudança no início dos vinte e mesmo trinta e quarenta anos.
 - 10 Conferir em Labov (2001) e Naro (2003) discussões mais detalhadas acerca da proposta de análise de mudança em tempo aparente e suas implicações. Tavares (2003) também discute essa questão, confrontando os pontos de vista da sociolinguística variacionista e do funcionalismo linguístico.
 - 11 A pesquisa em tempo real exige o rastreamento do processo histórico de mudança em diferentes épocas da língua (décadas ou séculos atrás), valendo-se o pesquisador de amostras orais ou escritas de diferentes sincronias, comparando os usos dados a um certo fenômeno variável ao longo do tempo. Tal análise constitui um importante auxílio para confirmar a ocorrência de mudança em progresso, pois permite observar se a variante inovadora aumentou a frequência na comunidade com o passar do tempo “real”.
 - 12 Tais resultados podem ser conferidos em Tavares (2003).
 - 13 Existem também outras formas de seqüenciação, porém menos frequentes e de distribuição diferenciada. Dentre elas, a que mais de destaca é o *depois* (cf. Tavares, 2003).
 - 14 O termo *valor* é empregado na literatura funcionalista tanto para significado quanto para função (cf. Ramat, 1998:114).
 - 15 O domínio da seqüenciação configura-se num escopo funcional gradiente, podendo ser visto como um dos elos de um fenômeno superordenado: conjunção geral > seqüenciação retroativo-propulsora > subfunções da seqüenciação > possíveis subtipos das subfunções. O recorte para fins de estudo poderia se dar, em princípio, em qualquer um dos níveis dessa hierarquia funcional. Optei por passar a tesoura em torno da seqüenciação, atentando para as preferências dos usuários da língua relativamente a esse estrato da conjunção geral entre informações. As subfunções são controladas, em Tavares (2003), como possíveis influências contextuais interferindo na escolha entre os conectores.
 - 16 O código que segue o trecho da entrevista a identifica. Por exemplo: (TE/FLP16:641) = [1E] código do informante, [FLP] código da cidade (Florianópolis), [16] número da entrevista, [641] linha em que se encontra o dado em questão. Pode haver um C (informante da faixa etária de 09 a 11 anos) ou um J (informante da faixa etária de 15 a 21 anos) após o número da entrevista.
 - 17 O símbolo {, acrescentado nos exemplos por mim, marca o início da digressão feita pelo falante, e } marca o seu final.
 - 18 A relação entre a adição (uma função costumemente vinculada ao *e*) e a seqüenciação retroativo-propulsora é discutida em Tavares (2003).
 - 19 O *peso relativo* é uma medida multidimensional ou multivariada, obtida pela interação entre todos os fatores de cada grupo de fatores considerados em relação ao fenômeno variável, indicando a influência de cada um dos fatores sobre cada uma das variantes. Apesar de ser um instrumental típico da sociolinguística variacionista, a utilização de pesos relativos pode ser recomendável para uma abordagem sociofuncionalista, em que forças múltiplas também estão em jogo. Por exemplo, no caso da seqüenciação, os diversos traços (sintáticos, semânticos, pragmáticos, sociais, dentre outros) ligados ao contexto de uso estão concomitantemente presentes a cada vez que um falante seqüencia informações, e a interação das influências (favoráveis ou desfavoráveis) de cada um desses traços resulta na escolha entre uma ou outra das

formas seqüenciadoras.

- 20 Embora a faixa etária '25 a 45 anos' seja bastante ampla, a maioria dos informantes que a integram se encontra entre 34 e 45 anos (nove informantes do total de doze), o que minimiza eventuais enviesamentos que uma faixa etária abarcando indivíduos de idades tão diferentes pudesse causar.
- 21 Sobre testes de avaliação referentes ao *status* dos seqüenciadores, conferir a seção 4.2.
- 22 Silva e Macedo utilizaram dados provenientes da "Amostra Censo".
- 23 Além de ser uma marca típica da fala dos membros mais jovens da comunidade florianopolitana, o *dai* pode ser uma marca regional. Nesse caso, tratar-se-ia de um item linguístico indicando que seu usuário é, provavelmente, uma pessoa jovem ou mesmo uma criança residente em Florianópolis (cf. seção 4.2).
- 24 As rodadas incluindo um fator específico para controlar o grau de escolarização dos informantes de 09 a 12 anos revelaram a preferência pelo *dai* por parte dos pré-adolescentes, a qual provavelmente é devida mais à idade dos informantes do que à escolaridade. Na verdade, como todos os informantes do grupo em causa possuem a mesma idade e a mesma escolaridade, é difícil precisar se as influências maiores são por conta da etapa de vida pré-adolescente ou por conta da pouca escolaridade. Um indício de que a idade é mais importante pode ser encontrado no padrão de seleção dos grupos de fatores em causa pelo VARBRUL: *idade* sempre foi selecionada como mais significativa que *escolaridade*.
- 25 Foram analisados os trechos argumentativos de 12 entrevistas de informantes florianopolitanos de 15 a 21 anos pertencentes ao Banco VARSUL e de 100 redações do vestibular 2001 fornecidas pela COPERVE/UFSC. Foram obtidos um total de 292 dados, correspondentes a 139 conectores na fala e 153 conectores na escrita.
- 26 Em um cruzamento, os fatores de dois grupos são cruzados, isto é, combinados de todos os modos possíveis (no caso de *sexo/escolaridade*, temos, neste estudo, *feminino e quatro anos de escolaridade*, *feminino e oito anos de escolaridade*, etc) e à cada combinação é atribuído um peso relativo.
- 27 A generalização no plano funcional, isto é, a extensão de uso de uma forma de modo que ela passe a cobrir um leque maior de funções, possibilita que a forma tenha alteradas suas propriedades semântico-pragmáticas e/ou morfossintáticas.
- 28 Claro que não devemos descartar a possibilidade de que o *dai* venha a migrar para novos papéis em outros domínios (ou que já esteja migrando), já que sua alta frequência de aparecimento como seqüenciador pode ser um ponto de partida para o surgimento de novas estratégias gramaticais. Nesse caso, motivações de natureza social estariam contribuindo com a emergência da inovação em si, e não somente com a disseminação social e funcional.
- 29 Por uma questão de espaço, optei por apenas levantar a lebre, sem, no entanto,

apresentar evidências confirmadoras. Todavia, apenas para "dar um gostinho", saliento que obtive indícios de que o *dai* teve realmente seus padrões funcionais expandidos em Florianópolis, e justamente na fala dos pré-adolescentes. Nela, o *dai* estendeu suas garras com voracidade sobre todos os espaços disponíveis para os seqüenciadores e, além disso, é nela que predominam os usos mais genéricos e abstratos da forma, isto é, aqueles usos que representam seus estágios mais avançados de gramaticalização como conector seqüenciador, com menor persistência de propriedades ligadas às suas fontes dêitico-anafóricas de natureza mais concreta. Na fala dos demais micro-cosmos etários considerados, a utilização do *dai* é predominante em contextos que manifestam tais propriedades, e bastante infrequente nos demais. Portanto, o super uso do *dai* pelos pré-adolescentes deve ter contribuído para que um número maior de contextos passasse a ser vinculado com frequência a seu aparecimento (cf. Tavares (2003) para observar como foi feito o controle de traços contextuais mais e menos vinculadas aos usos fontes de *e*, *ai*, *dai* e *então* e como, por meio de tratamento estatístico, as direções da mudança funcional puderam ser mapeadas).